

Recensão de *Equador* de Miguel Sousa Tavares

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro
aramos@dlc.ua.pt

Romance histórico na definição mais clássica do género – pela presença de cor local, de personagens referenciais de primeiro plano, pela evocação fiel de um tempo –, a estreia de Miguel Sousa Tavares, com a publicação de *Equador*, revela-se, a todos os títulos, ambiciosa e promissora.

O longo romance que propõe aos seus leitores, habituados ou não às suas crónicas e reportagens, revela-se de leitura fácil e rápida, resultado de uma escrita que também ela, apesar da aturada investigação que esconde – e que nunca poderia estar ausente de um romance com este fôlego –, parece ser hábil e veloz. O estilo jornalístico, altamente eficaz, reforçado por um visualismo muito forte, a que não são também alheios outros elementos sensoriais (sobretudo quando se fala de paisagens distantes, como é o caso da São Tomense, aqui quase personificada e elevada à categoria de personagem) e também sensuais (ligados quer à Natureza africana, quer às mulheres que povoam a narrativa e pontuam o percurso do protagonista), permite ao leitor acompanhar, de forma muito próxima e expectante, as deambulações das personagens por meio mundo, nos primeiros anos do século XX.

Assim, assistimos à revisitação histórica de um período crucial da história portuguesa (que compreende os anos de 1905-1908), coincidindo quer com a decadência da Monarquia e os alvares da República, quer com a grave crise política, social e económica do Império Português Ultramarino, centrado, no que a este romance diz respeito, na exígua colónia de São Tomé e Príncipe. A novidade do romance reside, a nosso ver, no ponto de vista quase marginal que adopta (de fora para dentro – das colónias para a metrópole), funcionando também o romance, neste ponto de vista, como discurso alternativo em relação à própria História (esta, escrita sempre a partir da capital). As pontes temporais com a realidade portuguesa contemporânea, apesar de nunca referidas no romance, parecem-nos demasiado evidentes e não serão, certamente, inocentes. A narrativa em questão permite, nesta perspectiva, uma reflexão sobre o momento histórico que atravessamos hoje, as relações que estabelecemos com países que nos são “próximos” (aliados e/ou concorrentes), a crise económica e social, a estabilidade ou falta dela no que à política diz respeito, enfim, sobre as fragilidades e as grandezas de Portugal e dos portugueses, as suas vitórias e derrotas, sejam elas colectivas ou individuais. A realçar essa melancolia e esse sentimento de perda eminente que perpassam o romance não é alheio o tom de *requiem* por um tempo, uma época e uma História que se acabam (e um ciclo que se fecha) e que encontram no protagonista perfeita ilustração.

Centrado em temáticas como a colonização e a questão das liberdades fundamentais do ser humano, o romance não procura a resposta mais fácil, porque politicamente correcta, de condenação da escravatura e da defesa incondicional da auto-determinação dos povos porque esta, a acontecer, se revelaria profundamente anacrónica e insustentável para o pensamento da época histórica recriada, privilegiando, em vez disso, até pela referência a fontes como a imprensa da época, um discurso que procura traduzir, tão fielmente quanto possível, o debate da sociedade portuguesa de novecentos sobre aquilo que à questão imperial e colonial diz respeito.

A par das temáticas que já referimos surgem ainda a viagem (a de Luís Bernardo – de Lisboa para São Tomé; a de Ann e David – na Índia e depois daí para São Tomé), com especial relevo para aquilo que ela tem simultaneamente de exótico (porque de diferente e de distante) e de simbólico (falamos concretamente de viagens que são fugas, castigos, missões, processos de libertação, autognose, etc.). As relações interpessoais, sobretudo as afectivas e físicas, também encontram aqui espaço privilegiado nas 518 páginas que constituem o romance. O destaque vai para sentimentos como o amor, o desejo, a paixão, a lealdade, a traição, a mentira e a amizade e a forma como a sociedade os cataloga e organiza em casamento, honra, infidelidade ou adultério.

Romance de paixões extremas, de convicções fortes e inabaláveis, *Equador*, de Miguel Sousa Tavares, permite recriar com imprevisibilidade – escapando às opções mais óbvias – e a partir do percurso de Luís Bernardo Valença, as misérias e grandezas da alma humana, as suas qualidades e os seus vícios, as suas ambições e os seus receios, enfim, as pequenas (às vezes mesquinhas, porque ligadas também à pequena política e às intrigas) “estórias” que se escondem por trás da História.

Equador, Miguel Sousa Tavares, Lisboa, Oficina do Livro, 2003